

Perigo ampliado

MARIA FERRI E
KÁTIA MARSICANO

DA EQUIPE DO CORREIO

Os resultados de novos exames que chegaram esta semana levaram a Secretaria de Saúde a ampliar a área considerada de risco de contaminação da hantavirose. São Sebastião, onde três jovens tiveram mortes confirmadas pela doença, pode não ser mais a única região de surto. Toda a zona rural preocupa os governos local e federal. A partir de hoje, servidores de todas as diretorias regionais de saúde serão treinados para orientar a população de 68 núcleos rurais sobre os riscos de infecção.

Dois meses após o primeiro registro de hantavirose no DF, o secretário de Saúde, Arnaldo Bernardino, admitiu, pela primeira vez, que outras regiões possam ser focos da doença. "Até esta semana, havia a possibilidade de apenas Ceilândia, onde uma jovem morreu com suspeita de contaminação, ser outro ponto de infecção. Mas exames, que ainda aguardam confirmação, podem revelar um novo mapa", disse Bernardino.

Esses exames complementares devem chegar do Instituto Adolfo Lutz (IAL), de São Paulo, até o final desta semana. "Só com eles podemos ter uma idéia mais clara da situação. Mas o material que recebemos já aponta que devemos intensificar nossas ações de controle", avisou a diretora da Vigilância Epidemiológica, Disney Antezana. Ela preferiu não revelar quais as áreas com maior probabilidade de ocorrência de surtos. "Posso ser alarmista", justificou.

Uma cartilha foi elaborada com os cuidados para evitar a doença. Os primeiros exemplares foram distribuídos ontem no Núcleo Rural Boa Esperança, na Ceilândia, durante palestras de orientações à comunidade local, que concentra 1,3 mil moradores (leia na página 24).

Outros 67 núcleos rurais receberão as dicas de prevenção. Para isso, a secretaria, em parceria com o Ministério da Saúde, promoverá treinamentos das equipes de todas as regionais. Desde que a primeira morte por hantavírus foi confirmada, em maio, especialistas em investigação de surtos da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) estão trabalhando em conjunto com o governo local.

Mortalidade

O coordenador de Vigilância Epidemiológica de Doenças Transmissíveis do ministério, Eduardo Haje, afirma que está preocupado com o surto identificado no DF: "O maior problema da hantavirose é o pouco conhecimento e a alta mortalidade." Desde o primeiro caso diagnosticado no Brasil, em 1993, no município de Jiquitiba (SP), há registro de 356 pessoas contaminadas, a maior parte delas na região Sul do país.

"Apesar de ser uma doença nova que pouco se conhece, hoje já sabemos o que fazer quando é identificada", comenta Haje. Sobre uma possível epidemia de hantavirose no DF, Haje garante que faltam dados que possam comprovar o problema. "Teríamos que ter registros de anos anteriores e mesmo assim eles precisariam ter aumentado para que existisse uma epidemia da doença", explica.

Fotos: Paulo H. Carvalho



ARNALDO BERNARDINO, DURANTE PALESTRA EDUCATIVA NO NÚCLEO RURAL BOA ESPERANÇA: CUIDADOS PARA EVITAR A HANTAVIROSE

“ATÉ ESTA SEMANA, HAVIA A POSSIBILIDADE DE APENAS CEILÂNDIA, ONDE UMA JOVEM MORREU COM SUSPEITA DE CONTAMINAÇÃO, SER OUTRO PONTO DE INFECÇÃO. MAS EXAMES, QUE AINDA AGUARDAM CONFIRMAÇÃO, PODEM REVELAR UM NOVO MAPA

”

Arnaldo Bernardino,
secretário de Saúde